

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

FEVEREIRO DE 1876

II

SUMMARIO

Retrato do marquez de Olinda.	Dados historicos sobre a provincia.
Prelecção (primeira parte), por José Bernardino dos Santos.	A America, poesia por A. Guanabara.
Phantasia, por Argemiro Galvão.	Poesia e fatalidade, por Mucio Teixeira.
O Sexto peccado mortal, drama por J. A. Torres.	*, poesia por Tabaredo.
Doas palavras ao Sr. Damasceno Viciara, por E. Lima.	

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876





MARQUEZ DE OLINDA.

Lith. de J. Alves Leire.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

FEVEREIRO DE 1876

II

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876

PRELECCÃO

Bosquejo historico e geographico da Provincia do Rio Grande do Sul.

PRIMEIRA PARTE DO DISCURSO PRONUNCIADO, NO 20º SARÃO DO PARTHENON LITTERARIO, PELO SR. JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

Illustre e respeitavel auditorio.

Ao subir de novo á tribuna, por tantos titulos illustre, instituida pelo *Parthenon Litterario* para as conferencias publicas, exigindo áquelles que se propõem occupal-a plena competencia sobre a materia, que escolhem para objecto, quando, como agora, se não deve erguer d'ella um d'esses seres raros, predestinados por um talento superior ou por não vulgar illustração; eu ousou fazel-o tão sem presumpção de triumphos, tão sem direitos que me recommendem, como tambem sem tibiez ou receio.... e no entanto, vasta é a these, que formulo, complexo e transcendente o assumpto sobre o qual vou dissertar.

Tenho convicção de que sossobrarei em meio da travessia, no mar revolto, erriçado de parceis ignotos, em que me lanço no fragil batel e minha intelligencia, sem uma bussula, que me guie ao norte, sem um pharo de luz, que me assignale o porto que demando! Temerario

como o navegador phenicio aprôo a onda do mysterio e do tempo e busco um idêal : a verdade da historia. (*Muito bem*).

Anima-me o tentamen a esperança de que di pensar-me-heis, ainda uma vez, a magnanima benevolencia com que me tendes sempre acolhido, e a consciencia do quanto tem de patriotico o meu inaudito commettimento.

E é assim que ousou quebrar o solemne e augusto silencio, que me cerca, com as asperas vibrações da palavra rude, ainda que unguida do sentimento da verdade.

E' assim que ouzo fitar-vos scaltro, sem estremecer, sem ceder a vertigem que provoca a altura, galgando a tribuna que, entre povos cultos, é o pouto culminante da civilização, do progresso, da liberdade da consciencia, sem que venha premunido de um discurso escripto, exornado dos ouropeis technologicos, reverberando o brilho dos atavios, da elegancia, da altiloqua linguagem... Quizera apenas poder produzil-o espurgado de erros; mas ainda este almejo fallecerá porventura, porque vi-ando tão nobre escopo eu parei assombrado e desiludido! Compulsei tudo quanto a respeito foi-me possivel achar; prescruitei com avidéz as chronicas e os annaes; implorei aos livros e pedi aos doutos—a verdade; — e cheguei a triste e dolorosissima convicção de que erão todos controversos, de que todos partião de hypotheses, de probabilidades mais ou menos verosimeis.

A fabula e a paixão, pollulando e polluindo cada facto, eis o que avulta nos annaes da patria historia, que precisa ainda hoje ir buscar os elementos para sua confecção nos archivos d'alem-mar (por milagre escapos do pó, ou desprezados nas bibliothecas de Lisboa e Madrid, de Londres e Pariz) os documentos de que ha mister, e a mór parte dos quaes a consciencia menos escrupulosa, a critica menos severa repugna aceitar por absurdos, por impossiveis. Taes entre outros citaremos as celebres aventuras de Diogo Alvares, o *Caramuru*, corrojando-se pelo sacrificio de Moêma, e o seu casamento com a formosa Paraguassú, tendo por padrinhos a Henrique II e sua esposa, a famigerada Catharina de Medicis, de tão triste e execranda celebridade!

.

Felizmente não me proponho fallar á doutos; esses precisão, não de ouvir-me, mas de alentarem a vocação, que se exhibe modesta e timida, com o calor vivificante de suas luzes. com os fructos de sua experiencia, com a sabedoria dos seus conselhos.

E' a vós que eu me dirijo, sêxo por excellencia superior ao meu até na propria fragilidade, que se vos lança em rosto como um estygma : flagicio de convenção com que vos supplicia a autocracia do homem.

E' a vós, candidas creaturas, que nos comicios publicos, que na

communhão civil, de que vos segregarão, perpassaes deixando um rastro ephemero como a phalena dos jardins do lar... E' a vós, victimas de todos os tempos e de todos os povos, que tendes a creença n'alma, o perdão no labio e o amor no seio... a vós, para quem a dedicação e o sacrificio, a resignação e o heroismo são deveres communs e inglorios, que o silencio testemunha e cala., a vós, obra prima do Creador, ainda não deturpada pela carie do egoismo, que eu venho pedir um momento de attenção para o campo arido das sciencias positivas e para um assumpto grave e serio como é o julgamento das gerações que passarão. (*Muito bem, muito bem*).

Deve destoar, eu sei; deve ferir-vos discordemente o ouvido affeito ás harmonias, a voz, que se não afina ao diapazão, que se não casa aos rythmos languerosos d'essas leituras exiciaes, que, como as exhalções de um paúl revolvido, derramão a morte nos diaphanos vapores, e que entrelanto se vos concedem sem o minimo escrupulo de que possão influir em vosso espirito malcavel e despreoccupado essas erroneas e fataes theorias, que se proclamão especialmente na capciosa escola franceza desde a epocha da renascença d'essa litteratura, que brilhou esplendida sobre a podridão do seculo de Luiz XIV, como a sua co-irmã resplandeceo na Italia, na cõrte de Leão X, até ir obumbrar-se nos horrores de 89, afogando-se no sangue de Luiz XIV, e no pavoroso poema de Guillotin!... que decahio com Mirabeau n'um raio da eloquencia tribunicia, e reergueo-se fria, soturna, na vasta e sombria concepção de Robespierre... que encarnando o espirito de 93 elevou-se até a verdade e a moral da philosophia coctanea, e após degenerou gradativamente, no decurso de quasi um seculo, até o esphacelamento e o abandono do povo, o mais generoso, o mais nobre, o mais culto, livre e patriotico do mundo, entregando uma nacionalidade vencida a mercê do odio do vencedor, e d'ahi humilhada e exhausta baixando até a barbaria da Communa!... (*Bravos, muito bem, muito bem*).

A litteratura é a historia minuciosa e concreta de uma nacionalidade, é a sua verdadeira expressão. Se o corpo enferma, a expressão enfraquece; se o corpo apodrece a expressão transuda os miasmas de sua putrefacção, e corrompe a seu contagio... (*Muito bem*) Comparai a litteratura dos povos decadentes com a das nações que marchão na vanguarda do scenlo, e tereis a prova cabal, evidente!

E' a vós, mihas senhoras, a quem se consentio desde a pubescencia ingenua o trato intimo e meditativo com autores, que em seus escriptos derramão simultaneamente com o bello, que seduz e eleva, a doutrina, que nobilita ou corrompe... fazendo-vos testemunhar a morte moral da honra e da virtude na contingencia da justiça dos homens, na duvida e negação da justiça de Deus, ou seja arrebatando-vos nos vortices do racionalismo de Sand, nas peripecias horrído-burlescas de Terrail, ou arrasando-vos de polo a polo, no pereurso do orbe após

as pégadas do reprobo da legenda biblica; interessando-vos n'esse grandes e sangrentos dramas, que se exhibirão até a extincção do ultimo dos Renepont, ou preocupando-vos o espirito com outro, talvez mais temível personagem, esse *Monte-Christo*, myxto horrendo do bom e do máo, aberração de todos os sentimentos nobres e generoso da humanidade; monstro moral, creado pelo genio brilhante de Dumas, que a popularidade divinizou!... á vós, a quem tudo consentirão, sem que tivessessem antes curado de solidificar as bases de vossa instrucção que devera começar por fazer-vos ter consciencia, orgulho e gloria da triplíce e providencial missão, que tendes a desempenhar na sociedade, tão exigente em pedir-vos o fiel cumprimento dos deveres, que vos impoz, tão severa profligando as vossas mais leves transgressões, tão inexoravel e barbara punindo os vossos erros... (*Muito bem*) a vós pois, cujo espirito volatiza-se como o oxigeneo, exhala-se como um perfume e exhaure-se como um som, que eu ousou dirigir-me d'esta tribuna.

Minhas senhoras, o patriotismo, como a caridade, nunca vos evocou em vão. Peço-vos um reflexo d'esta virtude evangelica para mim, e appello áquelle grande sentimento, que vos estremece; pois é d'este bello Rio Grande, que nos é patria commum, que eu vou fallar-vos, procurando ser breve, quanto possível, já que me não é dado poder ser eloquente. (*Muito bem*).

Esta bella, esta esplendida região, que demora na zona temperada das latitudes meridionaes do mundo de Colombo, no ponto extremo sul do Imperio de Santa Cruz, alem do tropieo de Capricornio, que sobre ella exerce seu benefico influxo; estendendo-se desde 29° e 17' até 33° 45' e 33'' de latitude austral e de 6° 50' e 29'' a 14° 43' e 34'' de longitude oeste do meridiano do Rio de Janeiro; occupando, na forma de um trapezio irregular, uma área de quasi quatro mil leguas quadradas; que se extrema a leste com o Oceano Atlantico, que lhe banha o littoral na extenção de cento e vinte leguas; a oeste pelo magestoso Uruguay, que desde a foz do Quarahy até a confluencia do Peperyguaçu a separa dos Estados da Confederação Argentina, e por esse mesmo Uruguay (sob o nome de rio de Pelotas) a divide das provincias brazileiras do Paraná e Santa Catharina, cujas raias traça-nos pelo norte o rio Verde, que após sua junção com o sangradouro do Monteiro toma o nome de Mampituba e precipita-se no Atlantico acima das Torres; que se divide ao sul com o Estado-Oriental pelo Quarahy desde sua barra no Uruguay até suas cabeceiras na Coxilha Geral, por esta até defronte e ao nascente do arroio S. Luiz, seguindo suas agoas até confluir no Rio Negro, por este, agoas acima, até a Coxilha Grande, donde derivão as vertentes do Jaguarão, em cujas correntes desliza até a costa occidental da Lagôa Mirim, marginando-a até S. Miguel, onde pelo arroio Chuhy termina no Oceano nas proximidades do Castilhos Grandes.

Esta região bemdita, que apresenta thesouros incognitos, de inestimavel valor intrinseco e scientifico, ao sabio e ao philosopho, abrindo horizontes latos, virgens, incommensuraveis as sciencias e as artes, a industria e ao commercio, a navegação e a agricultura; que pede ao emigrante, cujas visceras corróe a fome, o auxilio, o trabalho do braço dextro e intelligente em troca da rapida abastança e da riqueza não tardia, com que a natureza americana remunera o esforço européo; esta região opulenta banhada aos raios langues do Cruzeiro do Sul, deveria ter neste momento, aqui n'esta tribuna, em vez do obscuro entusiasta, a sciencia de Marius irradiando aos brilhos da eloquencia de Castellar.

A Providencia sempre grande, sempre generosa, nunca o foi mais em toda a sua eternidade do que quando, estremeccendo o seio comburante do globo, na tremenda oscillação, traçou os contornos d'esta immensa área, que se estende entre o Atlantico e a curva oriental do Uruguay, subdividindo-a nas tres grandes secções, duas das quaes comprehende o territorio d'esta provincia, tambem bipartido em zonas, do norte e do sul, quasi iguaes em configuração e perimetro, pelo desprendimento dos grossos musculos da Serra do Mar, que se perlongão serpenteando caprichosamente de leste a oeste, e succedendo-se e destacando vertebraes á todos os rumos, após longo e tortuoso percurso, ora erguendo-se em altivas ondulações e elegantes collinas, ora abatendo-se em deliciosos valles, ora sobrepondo-se em gigantescas e alterosas cordilheiras em direcção geral quasi definida de NE. a SO. até ir derampar-se ás bellas margens do Uruguay, dando começo ás interminas savanas do Pampa; e pendendo ao sul, intercortada a grandes intervallos, apresentando aqui e ali mais ou menos importantes superposições de sua massa quartoza, em grupos, como que isolados, até resaltar nos parecis a foz do Rio da Prata, descobrindo do nivel do Oceano as ultimas phalanges metatarsianas do grande esqueleto de granito immerso no Atlantico... (*muito bem, muito bem*) nunca o foi mais, diziamos, do que no momento em que demarcou a area immensa em que assentou a tenda da conquista e lançou os fundamentos dos estabelecimentos ruraes, conjunctamente com a taipa das fortificações de defesa, justificando a posse pela prioridade da descoberta e dominio, da defensão e cultura... onde sob a barraca feita do panno do traquete e da mezena, trigueiros pela acção das intemperies e do fumo dos canhões, que acclamarão o pavilhão das Chagas desfraldado ás brizas das cinco partes do mundo, o soldado e o marinheiro luzos descancarão das lutas e dos perigos sobre o regaço voluptuoso das virgens de Tupã, derramando-lhes no seio os germens da nova raça, que começou, estendendo-se e habitou essas paragens conquistadas, em nome dos reis, pelo gladio, em nome da fé, pela cruz, á barbaria e dominio dos aborigenas, que divididos em tres grandes familias ou tribus as assenhoreavão. (*Muito bem, muito bem*).

A Providencia sempre grande, sempre pr6vida, nunca o foi tanto, como no momento inspirado em que abateo o empinado dorso do Albard6o, ou Coxilha Grande, rasgando esses riquissimos, amplos e esplendidos valles por onde de lisa o magestoso Uruguay, recebendo de espaco a espaco as homenagens de seus mil tributarios at6 embeberar-se com a pujante raudal do Paran6, para lanar-se ent6o ao Oceano Atlantico sob o nome de Rio da Praia, nome com que a cubiça da metropole stereotypou a sua insania e p6rpetuo a sua ingratid6o para com Solis, que o descobrio, e que com a vida, em holocausto ao dever, o legou 6 cord6 de Castella. (*Muito bem, muito bem*) Valles grandiosos onde a flora e a fauna apresentam preciosos typos, especimens novos, desconhecidos, hybridos !... Valles elyseos que, como os do Cahy, Taquary, Jacuhy, Camaquam, Piratiny, Jaguar6o, Ibicuhy, Ijuhy e tantos outros assombr6o ao homem da Europa, scientifico ou industrial, pela sua uberdade, riqueza e esplendor... Valles opulentissimos de onde diman6o e para onde deriv6o atravez sert6es virgens, myriadas de pequenos ribeiros e outras mais ricas e poderosas correntes d'agua, que se v6o contorcendo, avolumando e urdindo a grande rede hydrographica, que ap6s ter subdividido e irrigado as duas zonas da provincia, justamente cognominada o celleiro e praça d'armas do Imperio, form6o as vastas bacias do Uruguay, e das lag6as dos Patos e Mirim, em cujo paralelo longitudinal se encontra um acervo de lag6as em success6o continua desde os grandes banhados de Santa Thereza e India Muerta at6 al6m do antigo presidio das Torres, em cujas cercanias demora a celebre lag6a do Morro Sombrio. (*Muito bem*).

Ou n6s ignoramos uma grande verdade geographica, ou em parte alguma do planeta que habitamos, se encontra outra regi6o, onde o systema das aguas seja t6o providamente disposto.

Assim 6 que das articulaç6es que do sternon da serra geral atravess6o o municipio centraes, podemos observar as phenomenaes ramificaç6es de dous dos nossos principaes rios, o Ibicuhy e o Jacuhy, que deitando as cabeceiras nas faldas meridionaes da Coxilha Grande, ao norte, e nas abas septentrionaes da Coxilha Geral, ao sul, v6o entroncar suas grandes bifurqaç6es, ou galhos, no centro, quasi no mesmo paralelo, de onde volta-se um para o poente demandando a hacia do Uruguay, e o outro para o levante, onde ap6s formar este poetico lago do Guahyba, se precipita pela garganta da Itapo6 na lag6a dos Patos.

Como estes, apresentam-nos identicos phenomenos o Quarahy, pendendo a oeste, e o Jaguar6o a leste, traçando a linha divisoria pelo sul, e irrigando as faldas da serra intermedia aos dous paizes limitrophes. Tambem curiosa analogia apresentam-nos em Miss6es os rios Ijuhy, Camaquam e Piratiny, com os dous de nomes iguaes aos dos ultimos, que derivando das cahidas das serras do Horval e dos Tapes, trazem suas poderosas massas d'agua 6s bacias de leste.

Descripto, ainda que perfunctoriamente o systema hydrographico da provincia, o orographico evidencia a sua prodigiosa disposição.

Remontando-nos porem, a sua analyse sob os pontos de vista geognosico e geologico poderemos comprehender a sua constructura e estructura pelas observações que, mesmo a olho nú, se podem fazer ou sobre a crosta dos diversos terrenos de sua superficie, ou pelo exame de suas camadas internas, patentes n'esses grandes taymbés e furnas, que encontramos a cada passo.

Encarada porem, sob este ponto, tres são as grandes secções em que se acha a provincia subdividida :

A parte baixa, de leste, dita da costa do mar ; a primitivamente chamada do Continente, que abrange as planicies e grupos de montanhas de sul e oeste ; e mais distincta a do norte comprehendida a serra e suas ramificações para o centro.

Exceptuada a parte da costa do mar, onde se denuncia a formação recente, pela acção constante e aturada das agoas produzindo esses vastos e desolados areiaes prenhes de lagóas mais ou menos interessantes, que se succedem, derramando-se umas nas outras, por estreitos canaletes, alguns dos quaes tambem as sangrão para as lagóas dos Patos e Mirim e para o Oceano, do qual tem todas o mesmo nivel ; as outras duas apresentam-nos similares bases basallicas, ainda que se reconheça em uma, na do Continente, a formação primitiva resaltando em seus simplicis, e suas combinações mais remotas, curiosas e variadas ; ao passo que na do norte a origem ignea patentea-se a cada instante em substancias congenitas, e em specimens raros, de que ainda hoje ousão duvidar notaveis celebridades.

Sem competencia para entrarmos em tão grandiloquo assumpto, como o de demonstrar os principios invariaveis, as verdades inconcusas de materia tão vasta e complexa como as que fazem objecto as sciencias phisicas, não podemos comtudo ver indifferentes levantar-se de sob as patas de nossa cavalgadura, os pulehros fragmentos do marmore, os variados scilicatos, de brilhantes cores e transparencia, e o pó negro do grés carvoeiro, que consubstancia o progresso, a força, a alma do seculo XIX !... (*Muito bem*). Não podemos sem um estremecimento de patriotismo ferido, ver rolar a êsmo na enchurrada das agoas, a superficie da terra mal esfolada a sua camada vegetal, essas inestimaveis combinações metamorphicas d'onde resaltão em lindissimos veios os mais preciosos metaes, taes como o ouro, a prata, a platina, o cobre, o chumbo, o ferro e outros poderosos elementos de nossa futura grandeza, quando forem tornados agentes da independencia de nossa industria, commercio e agricultura, de nossas sciencias e artes, ainda agrilhoadas aos mercados e as academias ultramarinas. (*Muito bem*).

Quando, minhas illustres patricias, ensinardos ao rio-grandense que a sua indolencia é um crime, e elle comprehender que a industria pastoril é um erro economico, como a carreira das armas é um erro

politico; quando elle compenetrar-se de sua inactividade e ignorancia... quando elle transformar as fortificações frouteiriças em *gares*, ou estações de caminho de ferro, e activo e instruido em sciencias peculiares, exigir á terra o producto do seu suor e de seus conhecimentos mechanicos e chymicos, quando lhe pedir a retribuição do trabalho do agricultor; quando artista, ou scientifico, profundar-se nas galerias subterraneas para arrancar ás entranhas do solo os thesouros que encerra em cada uma das suas substancias constitutivas; quando cortar o granito, apparelhar a ardozia e cinzelar o marmore, que não venha das minas de Carrara, mas das ricas jazidas dos municipios de Caçapava e Eneruzilhada, transformando-o em obra prima de esculptura ou de decoração architectonica; quando fundir a areia e o kaolim para o fabrico do crystal e da porcellana; quando vazar nos vastos moldes de seus instrumentos mechanicos o ferro nacional; e extrahir a galena, o chumbo, o arsenico, o enxofre, o antimonio, a serpentina e o ouro; quando lapidar as variadas e magnificas cornalinas, topasios, esmeraldas, rubis, agathas e diversas outras pedras preciosas que superabundão na provincia sob o nome generico de crystal da rocha, ou de quartz hyalino, como as classifica a sciencia; quando finalmente empregar em sua officina e gabinete a materia prima nacional, então este povo dilecto da gloria, então este povo heroico até o sacrificio, o primeiro da America nos campos de batalha, o será tambem nos certamens do progresso, da industria e da civilização.

Não é uma prophesia nossa, nem uma phantasia poetica o que acabamos de enunciar: — é a summa de opiniões de autoridades, de distinctos especialistas, e grandes notabilidades. Entre muitos citaremos a de um conceituado naturalista inglez, que entre nós residiu alguns annos, que empregou-os em serios estudos, o Sr. Nathaniel Plant.

Vou ler-vos a ultima parte do juizo insuspeito e honroso do illustre profissional: «... um futuro mais brilhante é reservado a este paiz, felizmente dotado em thesouros mineraes. Seria difficil encontrar no mundo uma área de igual extensão, tão favorecida pela natureza para o desenvolvimento das artes industriaes e de manufacturas, como esta provincia. Vastas mattas cobrem suas serras, que formão os limites ao norte: em suas terras todos os vegetaes tropicaes se produzem sem muito trabalho. Flanqueada em sua fronteira occidental por excellentes rochas ricas em metaes, os valles dos seus rios abundando em extensas camadas de carvão de pedra, mineraes de ferro e jazigos calcareos, atravessada por navegaveis rios de este a oeste, como o Jacuhy, o Ibicuhy e o grande Uruguay, marcando os limites da metade de sua circumferencia, formão uma combinação tão poderosa de vantagens naturaes, que este paiz parece destinado pela Providencia para tomar uma figura conspicua no futuro progresso do mundo.»

Uma outra notabilidade scientifica, cujo nome nos escapa agora

a reminiscência, acrescenta: « A região mais bemfadada do orbe é a que se estende além do tropico ao sul do Brazil, comprehendendo a provincia do Rio Grande do Sul. » E de facto tão numerosos e de facil navegação são os seus rios e lagôas, tão variadas e opulentas as suas florestas, tão são e benigno o seu clima, tão ricas as suas minas, tão rberrimos os seus valles, que em epocha não mui remota, quando o espirito de associação se tiver ampliado, e os meios de facil e rapida communicação interior nos forem dados em terra pela locomotiva, nas aguas pelos transportes a vapor, esta provincia, que por seus proprios recursos e elementos de riqueza e de progresso é uma das primeiras do Imperio, attingirá a proeminencia que lhe é condigna.

Tenho abusado de vossa complacencia, tornando-me enfadonho, e ultrapassando os limites a que se deve circumscrever o discurso de um sarão, cujo programma consta de tres partes, uma das quaes é consagrada a prelecção, e as outras as bellas artes... Mas é que a causa nobilita o effeito. Eu amo a minha patria e fallo d'ella; occupo uma tribuna illustre, e sou ouvido com benevolencia e attenção não merecidas. São raros na vida momentos como este! Na retina a vossa imagem, no pensamento a patria, no seio o entusiasmo, e conjunctamente com isto a desdobrar-se-me aos olhos d'alma a vasta tela da natureza americana, sob as lattitudes da zona temperada austral.

Mas quanta lacuna ahi fica por preencher?! como tratei dos systemas orographico e hydrographico da provincia? como a considerei sob o ponto de vista analytico quanto aos reinos vegetal e animal, e quanto a ethnographia?...

E' que o assumpto é tão vasto, que sinto esmorecer-se-me o animo, e assim apenas deixo-vos aberto o scenario d'esta natureza esplendida, para ir buscar os protagonistas dos tremendos dramas que se representarão sobre elle durante quasi tres seculos! (*Muito bem! muito bem!*)

PHANTASIA

AMALIA

AO AMIGO JOSÉ DE SÁ E BRITO.

Amalia era a mais formosa e provocadora criança do bairro do «Riacho»; qual de vós que n'este tempo a conhecendo não extasiaste-vos ante a muda contemplação d'aquelle rosto alabastrino, d'aquelles olhos pretos e scintillantes como a mais coruscante estrella de nosso céu.

Quando á tarde, com as bastas tranças negligentemente soltas ao longo das espaduas, trajando seu bonito e modesto vestidinho branco corria pela arenosa praia á cata das borboletas que incultas volitavão, **espraiando** a vista pela ingente bacia que ante si se ostentava, **esquecendo** as mimosas ondinas que travessas beijavão seus pequeninos pés, **respirando** com prazer aquelle ar puro e suave que arejava, qual de vós não achastes bella e poetica aquella physionomia ignea e preclara como a **procitana** de Lamartine?

Amalia era o conjuncto da belleza femínil, a esperanza e eulevo de seus velhos pais.

Sua **historia** é lutuosa e triste como o gemer da selva no silencio de tempestuosa noite.



Era por uma bella tarde de verão; o céu era limpidó como os olhos.

de Amalia, as aguas quedas como um espelho de crystal ; sentada á cancella que ficava fronteira á praia estava ella, observando o sol que se atufava na fachada occidental por entre a loira cabelleira das aguas guahybanas.

A tarde descambava ; e a immensa e concava abobada celeste d'estrellas se recamava ; a lua erguia-se lectrica e candecente no horison-te a aura que sibilava era suave e branda como um suspiro de Romeu e Julieta.

Foi n'esta melancholica hora em que o dia parece soluçar o derradeiro arranco de sua vida que Amalia viu Alberto pela primeira vez. Contemplarão-se mutuamente, sorrirão-se e amarão-se d'então.



Correrão-se os dias, e raros forão aquelles em que elles se não encontrassem por uma ou mais vezes, quando ella não esperava-o na cancella, como de costume era em casa da tia Brigida que morava na quebrada da rua proxima.

E quando os muitos affazeres ou alguma doença impossibilitavão Alberto de sahir, Amalia não obstante ver deslisarem-se as horas sem que elle viesse, persistia tenazmente até que coassem-se as primeiras nevoas nocturnaes e que fosse chamada para se recolher, por seus velhos paisinhos.

E quantos projectos bonitos, projectos de criança, tenues eomo os castellos de cartas, que ao menor sopro se derribão, não marulhavão n'essas tristes e longas horas no turbido pensamento da gracil e gentil Amalia ?

Quantas e quantas vezes não se lhe figurava estar já em sua casinha de sapé, sentada á porta quando cabia a noite com o seu querido Alberto reclinado sobre o seu regaço ? !

Amalia, ó louca criança, delirante phalena, não vês que o calor do amor esta ardente pyra te faz morrer ?

Pobre e infeliz Amalia !...



Era de tarde.

Sentados á praia Amelia e Alberto conversavão.

— Então que decides ? interrogou elle dissipando de seus olhos torrentes de fogo.

— Não, não posso, retorquiou ella, e meus pais ?...

— Teus pais, continuou elle, pouco importão contigo, se amanhã chorarem con olar-se-hão depois...

Amalia calou-se, não soube o que responder, uma renhida luta n'ella se passou. Alberto propunha para que fugisse; ella devia acceitar?

— E meus pais? eis o que continuamente repetia o seu coração, e cada vez que elle repetia ella sentia um e-tremecimento indefinivel se apoderar de seu corpo; finalmente movida por um impulso sobrenatural exclamou: — Logo darei a resposta... vem... e encaminhou-se para a cabana onde pouco depois desapareceu.

Alberto acompanhou-a com os olhos até perdê-la de vista; quando não mais a viu soltou uma estridente gargalhada, gargalhada de sata-naz emfrente da martyr, exclamando: — Pobre insensata, pertence-me....

*
* *

Tangia meia noite: a cidade dormia o somno da indolencia envolta em seu lençol de sombras: uma luz fraca e indecisa, derramando um pallido clarão, partia d'uma das janellinhas da cabana dos pais de Amalia; insensivelmente recostada ao parapeito — estava ella, e com avidéz parecia contar as horas que de tempo a tempo se coavão, quando a ultima badalada da meia noite espirou, estirando seu acustico som até os alcantis de nossa serrania, um vulto desenhou-se por entre as sombras e approximando-se da janella balbuciou:

— Então?...

— Entra... respondeu ella com voz tremula.

Alberto entrou, a luz gemeu e em seu ultimo lampejo apagou-se, o quarto ficou mergulhado em trevas...

*
* *

São passados seis mezes depois d'esse dia fatal em que a mão de um libertino impelliu mais uma victima para o lôdo.

Amalia já não pôde occultar o fructo do seu desgraçado amor, e para subtrahir seus pais ás dores, foge...

Desde então, não ha quem passe de tarde pela porta da casinha dos pais de Amalia que não os veja chorando amargas lagrimas.

São passados dois annos. Por uma limpida tarde de verão uma mulher pallida e macillenta descia pela ponte de pedra do « Riachinho » em direcção á casa dos pais de Amalia; por diversas vezes ella

deu-se em seu caminho para enxugar uma manhosa lagrima que oscillava em suas negras pestanas ou para depôr um beijo nas rosadas faces d'uma pequenina criança que ella conduzia pela mão. Ao chegar á casinha já tão nossa conhecida expelliu um tectrico suspiro e feriu tres fortes pancadas na porta ; a resposta foi um lugubre gemido ou antes um dos derradeiros arrancos de um moribundo.

Amalia entrou com sofreguidão, deu um grito ante o pavoroso quadro que se lhe apresentava : n'um leito de dor proximo a espirar estava seu velho pai. O infeliz conheceu-a, lhe estendeu a mão em signal de perdão, abraçou-a e morreu...

Amalia desmaiou ; quando tornou a si estava louca.

*
* *

Quando á tarde passardes pela ponte do « Riachinho » e encontrardes a infeliz louca, estendendo a mão, implorando-vos mesquinha esmola, não ride ante a desgraçada mártir da seducção...

E em nossa sociedade, quando toparmos face a face com Alberto, es-carremos no rosto do ladrão, do carcomidouro abutre da honra !

Rio Grande — 76.

ARGEMIRO GALVÃO.

O SEXTO PECCADO MORTAL

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. A. TORRES

O. D. C.

AO POVO PORTO-ALEGRENSE

PELO AUTOR

O presente drama foi representado no theatro S. Pedro d'esta cidade, em a noite de 30 de Novembro de 1873, pela sociedade dramatica particular — ROMEIRA DO PROGRESSO.

PERSONAGENS

BARÃO DE ALBUQUERQUE.
EDUARDO { seus filhos.
HELENA {
MARIO DE ABRANCHES.
LAURO.
COMMENDADOR ALVARENGA.
LUCIO.
JOSE' BERNARDO, vice-almirantè.
CONSELHEIRO ATHAYDE.
DR. PAULO.
SERAPIÃO DA-SILVA.
JOÃOSINHO.
BLOW.
UM CAPITÃO.
UM CRIADO.

ACÇÃO — RIO DE JANEIRO

EPOCHA — 186...

ACTO I

O FILHO DO POVO

Salão sumptuoso. Ao fundo trez arcadas, deixando ver diversas salas adornadas com magnificencia. Salas lateraes, tambem luxuosas. Riqueza, luzes, flores, etc., tudo com profusão. Mesa com pé de gallo á direita, accommodando sobre si, pennas, papel, tinta e campainha.

SCENA I

MARIO

(Ao levantar do panno, ouve-se tocar o final de uma quadrillia. Ha um baile As figuras trajão a gala.)

MAR. (*Entra pela E. A., soltando uma gargalhada de escarneo*)— Inveja! Eu ter inveja de Lauro Hermes?! (*Nova gargalhada: senta-se.*) Comtudo, o que tenho presenciado, irrita-me sobremodo. Ver prodigalisar-se louvores a uma figura de farça, a um plebeu aventureiro, desafia o tedio, incommoda. Até minha prima... minha prima a prestar-lhe tantas attenções... Mas quem é o culpado de tudo isso? E' o Sr. barão de Albuquerque, meu respeitavel tio. Porque o tal Sr. Lauro, ha dias, d'entre diversos espectadores de um afogamento, por mero caso de receber elegios, arriscou-se a salvar o individuo que lutava com as vagas, na praia da Gloria, meu tio entendeu que alem de felicitar o salvador, havia ainda de pedir-lhe a amizade, ofertar-lhe a casa e convidal-o pera este baile. Com effeito! Nem parece que o Sr.

verdade, que minhas palavras não lhe offenderão, e eu irei bem longe morrer, pronunciando sempre, o seu divino nome.

HEL. (*a parte*) — Não posso por mais tempo occultar-lhe o que sinto. (*Alto*) Não falle em morrer, Sr. Lauro, que isso me desespera. Em nada o Sr. offendeu-me, repito. Ao contrario persuadiu-me que ainda ha no mundo corações sublimes e dignos das maiores felicidades, apezar de no entanto andarem oppressos pela desventura. O seu é um d'esses e eu o admiro. Viva muito e lembre-se incessantemente de Helena, não d'aquella que lhe offerta um coração por piedade, mas sim d'aquella que o dá por sympathia e por encontrar no senhor o unico ente capaz de conserval-o

LAU. (*jubiloso*) — Mas é possível, meu Deus? Não será ainda um sonho com despertar mais horrivel! Quero crer, mas não posso, não posso... Oh! como sou mau... como a força do infortunio me tem tornado incredulo. E estou duvidando, quando vislumbra a felicidade por entre as dobras da desgraça! E duvido, quando um anjo falla, quando um cherubim sorri... Estou mais e mais desvairado. Creio e descreio. Tire-me porem d'esta louca ansiedade; diga-me uma, muitas vezes, se mereço o seu amor?

HEL. — Lauro, amo-lhe, e minha ventura consiste em ser sua. (*Abaixa os olhos confusa. Mario assoma na porta da E. B., espreita com ar de emulação, cerra os dentes com raiva e desapparece*).

LAU. — Helena! (*Corre a ella transportado, toma-lhe a mão e beija. Depois de pausa, completamente abatido*) Impossivel! Entre a filha do barão de Albuquerque e o triste plebeu ha uma separação eterna!

HEL. — Engana-se, Lauro; meu pai não se possui da nobreza que o acompanha desde o berço: é d'aquelles homens que avalião seus semelhantes unicamente por suas acções. O Sr. que se considera tão humilde, porventura não foi recebido aqui como um nobre? E vendo isso, acha crível, que possa haver impedimento á nossa felicidade?

LAU. — Quando porem assim fosse, a certeza de que um casamento entre V. Ex. e seu primo é facto projectado...

HEL. (*interrompe*) — Projecto que nunca se ha de realisar. (*Olhando casualmente para a direita*) E' forçoso nos separarmos por agora. Meu pai e o commendador Alvarenga dirigem-se para esta sala. Até breve. (*Sahe pela E. A.*).

SCENA V

LAURO

LAU. (*descendo*) — Filho do povo tenho elevado-me até a nobreza!

Mesquinho escriptor amei a filha de um fidalgo! Ahi estão as peripécias terríveis da minha existencia. Deixei o mundo da nudez e da escuridão e penetrei no orbe luminoso que aniquila para sempre ou que eleva até o infinito. Saltei barreiras e provoqueei a sorte : agora aguardarei a sua sentença !

SCENA VI

OS MESMOS, BARÃO e COMMEND. DOR

BAR. (*entra pela D. A. com o commendador*;) — O Sr. Lauro por aqui, tão retirado... ! ?

LAU. — E' verdade, Sr. barão.

BAR. — Naturalmente acha-se aborrecido do sarão ?

LAU. — E' uma injustiça que me faz, se acredita que eu tenha o máu gosto de aborrecer uma festa tão brilhante. O prazer hoje é geral. Até para aquelles que abominão a dansa, ha alegrias.

COMM. — Exemplo : eu

LAU. — Gracejos do Sr. commendador.

COMM. — Como, gracejos ?

LAU. — Digo que o Sr. commendador graceja se quer incluir-se no numero dos inimigos da dansa. O Sr. commendador aprecia um baile e dansa com perfeição ; ainda ha pouco, convenci-me d'isso.

COMM. — Qual ? Um baile para mim é uma scena de doudos. Observe que eu fallo no geral. Se as vezes caio na asneira de saracotear n'um salão, excitado por uma arrebatadora orchestra, creia que alguem de certo me levou a isso. E são sempre as mulheres. Eu tenho o fraco de me deixar arrastar por esse sexo endemoninhado. Exemplo : dansei hoje duas vezes, uma com a filha do José Bernardo, outra com a filha aqui do Albuquerque. Porque ? Porque as duas endiabradas me plantarão a força na sala. O que dev'ia fazer ?

LAU. — Era um dever não resistir. (*Sorrindo*).

COMM. — E' o que costume fazer n'um caso d'esses. Entretanto desenvenchillo logo todas as opiniões que se embrulhão em relação ao meu recatado systema de vida, exquisito talvez, mas com certeza accommodado á lei natural. Se faço juizos errados, serei um tonto ou será porque levo a vida em guisa de brinquedo. Emfim sustento que o baile é a comedia burlesca representada pelos homens serios de accordo com os loucos. Exemplo : quando assisto a um, volto para casa com menos miolo no cerebro.

BAR. — E's um exquisito patusco, meu Alvarenga.

SCENA VII

OS MESMOS E MARIO

MAR. (*Entrando pela D. A. A parte*) — Como pavonêa-se este intruso da nobreza! (*Com riso sardonico*) Suppõe-se filho da casa. (*Alto*) Desejo fallar-lhe em particular, meu tio... Se o Sr. commendador e (*para Lauro*) o senhor permittem...

COMM. } (*juntos*) — Pois não. (*Sahem*).
LAU. }

SCENA VIII

BARÃO E MARIO

BAR. — Saibamos o que ha. (*Senta-se*).

MAR. — Meu tio ainda está com as mesmas disposições a respeito do meu projectado casamento com a prima?

BAR. (*admirado*) — Sem duvida. Mas qual é a razão que te obriga a dirigir-me tão inesperada pergunta?

MAR. — A razão é obvia: desejo casar-me quanto antes, porque amo-a muito e temo perdê-la.

BAR. — Não comprehendo-te.

MAR. — Helena tem mudado para comigo, o motivo não sei; por isso antes que ella esqueça-me por outro, é conveniente que a faça minha esposa de uma vez.

BAR. — Amuos de moças; não merecem importancia.

— MA. — Comtudo...

BAR. (*sorrindo*) — A razão é outra, é a paixão... Façam porém o que entenderem, a nada me opporei, salvo se ella não quizer. E isso então será differente. Jamais obrigar-a-hei a casar contra vontade.

MAR. (*a parte*) — Estou perdido, porque ella certamente já se apaixonou pelo plebeu... (*Riso diabolico*) Havemos de ver. (*Alto*) Até logo, meu tio. E' o que pretendia ouvir do senhor, por isso retiro-me satisfeito. (*Sahe pela D. A.*)

SCENA IX

BARÃO, JOSÉ BERNARDO, ATHAYDE E O CAPITÃO

BAR. (*Subindo. Aos quatro jogadores que se levantão e descem. Lucio esgueira-se logo pela D. A.*) — Quero crer, meus senhores, que saçarão-se nas cartas...

CAP. (*atalhando*) — E' verdade, Sr. barão. (*Dando pela falta de Lucio. A parte*) Poz-me peneira, mas eu o filo n'um momento. (*Alto*) Onde está o amigo Lucio?

ATHAY. — Escamoteou-se encapotado nos codilhos... Levou de sota e basto... Ah!... ah... ah... (*Ouve-se o signal de uma walsa*).

CAP. — Com licença... Vou tirar par para esta walsa. (*Sahe*).

SCENA X

BARÃO, JOSÉ E ATHAYDE

BAR. — Parece bem amavel este Sr. Leopoldo.

ATHAY. — E' um excellente rapaz.

JOSÉ — Eu creio que elle está um pouco namorado. . é tão distra-hido...

BAR. — Preoccupações passageiras... extinguem-se ao menor abalo...

ATHAY. — Mas o que fazias só por este retiro, Albuquerque?

BAR. — Dir-lhes-hei. Eu e o Alvarenga temos um projecto, que auxiliado por vocês, dará um resultado brilhante. Vinha com elle por aqui afim de os encontrar, quando deparámos com Lauro Hermes, o modesto escriptor e distincto cavalleiro que hoje lhes apresentei. Depois chegou meu sobrinho...

ATHAY. — A proposito: tua filha está realmente promettida a Mario?

BAR. — Desejo que se effectue entre elles um casamento, mas a não ser de inclinação...

ATHAY. — Não approvas?

BAR. — Não.

JOSÉ. — Obras com senso.

ATHAY. — Mas o projecto?...

BAR. — Busquemos o Alvarenga e vamos discutil-o. (*Sahem*).

SCENA XI

LAURO

LAU. (*entra pela E. A. irroso*) — Insolente capitão! Atreveu-se a insultar-me diante da mulher que amo! Pois bem; o homem provocado em presença d'aquella que constituiu seu idolo, redobra de forças, despreza a piedade, torna-se terrivel! Havemos de nos encontrar, capitão! Então não verá risos de desdem nem assomos de compaixão, ha de tremer, ha de pagar caro o seu ultraje! (*Descendo*) Vamos, plebeu de acerbo destino, vamos; caminha ousado por esse mundo, eleva-te, adquire um titulo de nobreza, para então voltares ufano, ergueres a fronte e lançares um olhar de desprezo, para o parvo que ri-se, para o fanfarrão que braveja e para a miseria que o ouro acoberta. (*Vai a sahir pela D. B. encontra-se com Lucio*).

SCENA XII

LAURO E LUCIO

LUC. — Illustrado cavalleiro andante, ainda que em nada semelhante a D. Quixote, poderei ter a elevadissima honra de merecer-lhe uma palavra?

LAU. — Surprehende-me sobre maneira a forma porque me dirige essa pergunta. Ha mesmo n'ella um mixto de ironia, escarneo e petulancia que affecta a delicadeza de um homem polido, e que não manifesta a idéa do ponto que necessariamente deve attingir. Espero porém que será mais explicito ou que dirá a causa porque tolheu-me a passagem.

LUC. — Vai ser satisfeito com muito gosto, Sr. cavalleiro, depois de declarar-lhe *que sei* a quem interrogo. Preciso interpellar-lhe contando que não se negará ao dever de responder-me.

LAU. (*com calma*) — Tenha a bondade de concluir que presto-me a ouvir-o.

LUC. — Evito os preambulos. O cavalleiro ama a filha do Sr. barão de Albuquerque?

LAU. (*admira-se, mas em seguida acalma-se*) — Não sei quem o senhor é, nem devia conceder-lhe explicações d'essa ordem, mas como percebo que no seu intento existe um fim qualquer, talvez em detrimento meu e da pessoa que lembrou, digo-lhe por descargo de consciencia a pura verdade: amo a filha do Sr. barão e folgo em acrescentar-lhe que sou correspondido.

LUC. — E o que espera o senhor d'esse *mutuo amor*?

LAU. — Tudo aquillo que a Providencia decretar.

LUC. (*com riso escarninho*) — Pois eu, cavalleiro, prevendo essa resposta, vim dar-lhe um conselho. Tenha mais siso para melhor reflectir. Abandone as suas insensatas pretensões. Não alimente sonhos romancescos nem vagueie desmorteado no campo das phantasias. Quem o aconselha, sabe perfeitamente a *origem* do Sr. Lauro, o moço que hoje palmilha nos salões de um fidalgo na acceção mais lata da palavra. Um plebeu, um escrivinhador sem nome, um sobrinho de carpinteiro finalmente, tem precisão de comprehender o seu lugar. É o nada.

LAU. (*que tem sofreado os impetos, sereno*) — Terminou?

LUC. — Terminou, restando-me dizer-lhe que um Euthias não tem o poder de subir a escada que o separa de uma Phryné.

LAUR. — Ouvi até o fim a serie dos seus ludibrios, os raios da sua educação e os arrojões da sua ousadia, sem me ter alterado. Ouvi tudo e conservei-me sempre na minha mudez. Outro teria repellido as offensas e insolencias, que proferio, com palavrões ou com desafios que promovem geralmente o escandalo em uma sala, no meio de uma reunião mais ou menos civilisada; eu procedi ao contrario: escutei-o calado. Seria por algum terror inspirado pelas suas palavras, seria por medo, Sr. Lucio? Talvez o supponha, mas engana-se. Na minha mudez apenas houve commiseração, commiseração por um imprudente, que olvidando as conveniencias sociaes e desprezando os preceitos da polidez, ultrapassou os limites marcados pela educação e penetrou no terreno dos homens sem brio e das almas mesquinhas, com o unico fim de ferir reputações alheias. E quando mesmo n'essa mudez não houvesse commiseração, existiria ainda a vergonha do homem que achando-se no cimo de um pedestal honroso, não pôde nem devo prestar ouvidos ao indigno que arrasta-se na superficie do chão!

LUC. — O senhor é um atrevido!

SCENA XIII

OS MESMOS, BARÃO, ATHAYDE, ALVARENGA E JOSÉ

BAR. (*entra da D. com os tres*) — Então é negocio decidido ?

COMM. — De certo.

LUC. (*a parte*) — Maldita interrupção !

BAR. — Todavia deve ficar por ora em mysterio...

ATHAY. — Apoiado.

JOSÉ. — Eu tambem concordo.

BAR. (*vê Lauro e Lucio*) — Então já retirarão-se novamente do bello sexo ?

LUC. (*reprime-se e dissimula*) — Não, Sr. barão ; apenas conversavamos aqui até findar o intervallo...

SCENA XIV

OS MESMOS, MARIO E BLOW

BLOW. (*entra com Mario pela E. A. Baixo a elle.*) — Sua prima non estar aqui.

MAR. (*o mesmo a Blow*) — Prescinda da sua presença, se ella não apparecer. (*A parte*) Vou alongar o tempo a ver se minha prima encaminha-se para este lado, porque o momento é optimo. (*Alto*) Participo-lhos, meus senhores, que o Sr. Blow, nosso conviva, é um inglez d'aquelles que honrão á nação que pertencem ; é um gentleman intelligente e de muitos conhecimentos. Tem viajado, por assim dizer, o mundo inteiro...

BLOW. — Non, non, senhora, não avance muita. Mim penes tenhe viajada pur France, Piortugal, Itale, Gréce, alguns cidades de Asie, Estados-Unidas e Bresil; *but* de todes esses lugares, mim só tenhe *very sympathy* a este ultieme. Oh ! *Bresil it is very fine nation.*

MAR. (*que notou Lauro e Lucio. A parte*) — A discordia que se meci entre Lauro, Lucio e o capitão parece ter produzido algum fructo. (*Alegre*) Chega Helena... Sou protegido pelo demonio.

SCENA ULTIMA.

OS MESMOS E HELENA.

HEL. (*entra pelo F.*) — Meu pai. Não se acha por aqui o Sr. Lauro? (*Vendo-o*) Ah! Tenha a bondade de entregar-lhe esta carteira com o seu nome. Achei-a no meio da sala de reserva. (*Lauro dirige-se para ella*).

MAR. (*baixo a Blow*) — Comece o ataque.

LAU. (*recebe a carteira*) — Agradeço a V. Ex. o obsequio que fez-me.

BLOW. (*fingindo ver Lauro, espanta-se*) — Pois tu estar aqui?! Oh! tratanta! (*Para o barão*) Senhorr, manda por na rua esta velhaca. Ella é um jogador, um ladrom, uma libertine, mim conhece perfetemente. Manda elle sahe, senão mim dá bom noite n'este case e non volte nunque mais cá.

MAR. — E' muito covarde o seu procedimento, Sr. Blow. Não se offende pessoa alguma em plena reunião, e mormente quando tambem se é convidado. (*Para Lauro*) Defenda-se, senhor, e confunda o aggressor de sua honra.

(*Olhão-se todos em confusão. Lauro sorri-se com desprezo. Lucio manifesta alegria. Helena cahê no sofá. O barão attende á filha*).

LAU. — Atinei finalmente com a realidade. Desde que transpuz o limiar d'estas de lumbrantes salas, um homem jurou perder-me. Advinho a causa, mas força é occultal-a. Esse homem manejou uma vil intriga e vio coroad o seu esforço...

LUC. (*interrompe*) — Mas nós desejamos que se defenda, desejamos que confunda o accusador.

MAR. (*a parte*) — Elle comprehendeu a trama. (*Alto*) Rogo-lhe, Sr. Lauro, que negue a asserção do Sr. Blow. Patenteie a sua innocencia.

BLOW. — Mim estar promptê a provarr, com outres pessoas, a rouba que esta mi-serable faz n'um mesa de jogo, na hotel de Mister John Black.

BAR. — Que responde a tudo isso, Sr. Lauro?

LAU. — Que é uma calumnia!

BAR. — Pois prove-a!

LAU. (*a parte*) — Como provar, sendo obrigado a occultar meu amor? (*Alto*) Cumpra-se o mandato do destino. Beberei trago a trago o fel da condemnação que me lanção, como Socrates a cicuta fatal.

Supportarei resignado o peso do infortunio, porque está escripto na sorte do pobre. Adeus, Sr. barão. O calumniador ahi fica, mas é um nobre, tem jus a honra e a gloria. O filho do povo será pois o miseravel, nem se defende e retira-se. Até o dia da minha innocencia. (*Sahindo*) E tu, meu sonho dourado, acabaste para sempre! (*Sahe rapido pela E. A.*).

HEL. (*gritando*) — Lauro! Lauro! Lauro!

BAR. — Por quem chamas tu, de-graçada?

HEL. (*ajoelhando-se*) — Pelo homem que amo, meu pai!

BAR. — Nunca te pertencerá!

MAR. (*a parte*) — Triumphei como um Cezar! Helena, serás minha! Lauro Hermes, morrerás!

FIM DO 1° ACTO

DUAS PALAVRAS

AO SR. DAMASCENO VIEIRA

Se a *sympathia* é, como diz George Saud, um eulace do espirito com o coração, permitti que, em homenagem a vós — um dos talentos mais brilhantes d'essa pleiade que se expande ao sol fecundo da vossa provincia, a alongar pensamentos elevados para o céu das glorias da nossa patria, eu, devotado romeiro do culto das *sympathias* das almas que se comprehendem, deponha no cofre das joias inestimaveis do vosso talento, a humilde offrenda da ballada de um vosso irmão pelo genio, Chatterton — o louro-suicida de Albion.

Releva porém, antes de tudo, não irdes a julgar Chatterton por esta simples ballada, e a ballada por uma imperfeita traducção do dizer obsoleto do seculo de 1400, joeirado por aquelle espirito creador e original entre os codices pergaminaccos das antiguidades saxonias, que elle tanto amava profundar.

Ahi tereis a medida do poder do genio, e maravilhado ficareis do como elle diz a materia: levanta-te e caminha! *Tolle grabatum tuum et ambula.*

Será estudando todas as suas obras, as quaes merecem-nos um trabalho e meditação especial, que se poderá bem aquilatar as bellezas insinuantes da concepção, o frescor e a verdade do colorido, o raptó sempre feliz e original das imagens, a extensão tónica das euphonias e a finura sobreexcellente dos toques, onde nada é despresado na sciencia do pormenor, e onde resaltão como facetas diamantinas todas as riquezas do rythmo e da rima.

Esta ballada é o fasciculo dos ultimos versos por elle escriptos antes de morrer, e que vierão á lume no jornal britanico *Tow and Coun-*

try Magazine. Foi, pois, sob este exclusivo merecimento que os escolhi para vos serem offerecidos.

Além da rara perfeição do estylo e do rythmo (notai que entre os poetas inglezes de maiores suffragios, raros são aquelles que triumphão da rebeldia da rima sobrelevando aos versos brancos. Milton, Otway, Shakspeare, forão exclusivistas na adopção d'este ultimo systema para suas composições de latitude. Dos que conheço, só Byron, Pope, Campbel, e Wodsworth alquando, forão valentes e correctissimos em um e outro genero) alem, dizia eu, da rara perfeição do estylo e do rythmo, que impossivel fôra vasal-os pela joeira de uma desbotada traducção, n'ella encontrarei: melhor estereotypada a feição physionomica do poeta, do que em seus poemas das Metamorphoses, Balalha d'Hastings, Oella, Elinoure e Juga, Marte de *sir* Charles Baddowin, e Consuliad, sublime canto de guerra ao geito do Ossian de Machpherson.

Era extraordinariamente poetico o temperamento de Chatterton. Sente-se que se elle não succumbisse victima do seu intransigente e desesperador orgulho, certo houvera de tombar ao esforço de suas herculeas lucubrações.

Foi aos onze annos de idade, na escola de caridade de Bristol, fundada por Edward Colston, que um frio e taciturno menino, á semelhança do campeão do pugilato nos estadios romanos, arriscara o pé nos incruentos certamens da poesia, provando logo as suas armas serem de uma tempera excepcional, como a satyra fulminada contra um padre que por dinheiro apostalara o seu credo religioso.

Era de Chatterton que irrompia espontaneo esse ócho da indignação infantil, inflammada aos reverberos do genio embrionario.

A chrysalida do genio só aguardava o ensejo de desatar os vinculos que a prendião ao casulo para levantar o vôo pelo firmamento constellado das glorias de sua patria, deixando no percusso uma tripha de exhalações luminosas que lhe erão marcos miliarios do pensamento, e gnindar-se mais e mais alentada do calor das inspirações de seu cerebro tytanico, até sumir-se de todo no infinito da Immortalidade — mão dilecta que fizera de seus braços um throno para recebello n'essa ascensão vertiginosa, semelhante a aguia, da qual dizia aos visitantes o guarda dos aviarios de Pideok: « *Ceci, messieurs, est l'aigle du soleil d'Archangel: plus il fait chaud, plus haut elle vole.* »

Ressumbra em toda a poesia Chattertoniana um desespero vehemente de dor, uma raiva surda contra a miseria em que se debatia o poeta, um estoico desapego de vida tal, que maravilhoso fôra se esses elementos de desanimo não funestassem a vida intellectual d'aquella progenie de pensadores, nem corrompessem os nativos mananciaes da inspiração britannica, como em Byron se nota aquella my:antropia selvagem de vinganças, crimes e remorsos ine:piaveis que constituem o fundo do caracter commum a seus sombrios heróes.

O illustre Goëthe, no appendice de uma obra ingleza traduzida em allemão e publicada em Leipsig, energicamente combatera estas tendencias de aniquilamento, que se vão generalizando como feição predominante da poe:ia ingleza.

Não soffreu-se, porem, a subtil Stael, que não voasse logo n'um repto brilhante de seu genio, a fazer sentir ao metaphisico autor do *Doutor Fausto*, que uma só de suas creações sentimentaes propagara individualmente mais desprendimento da vida, que todos os volumes de poesia publicados até então : que o seu *Werther* causara mais suicidios do que a mais bella mulher do mundo.

To be or not to be, diz Shakspeare pela boca do seu melancholico Hamletto. Goëthe prescrevia á colonia poetica da Inglaterra o antidoto do mesmo veneno que estillava de cada pagina alambicada de seus romances.

O piegas Werther, que chora de melindrada sensibilidade ao ver Carlota dando pão com manteiga aos irmãosinhos, assemelha-se ao effeminado sybarita que não podia supportar no leito a saliencia de uma petala de rosa.

Uma cousa ha de incontestavel acerca da Allemanha :

O pessimismo de Fichte e de Schelling, os quaes, nas transcendentres controversias agitadas pelo espirito analytico do seculo, emprehenderão explicar a existencia do mundo como sendo uma calamidade universal, um erro ou uma loucura do Creador, continúa em si sobejos elementos de proselytismo para semeados no campo do ensino universitario d'aquelle paiz deixar produzir estes fructos peccos da contemporanea philosophia do desespero, do nihilismo do *nirvana* Indou, apostolisado pelos metaphisicos doutores de Heidelberg.

Este desencantamento amargo das illusões, incuravel scepticismo d'alma ante a propaganda philosophica do apocalypse do não-ser, é que tem engrendrado as mesmas tendencias á saciedade da vida e ao horror da existencia, que tanto transparecem na poesia ingleza, principalmente nas produções de Chatterton de quem ora tratamos.

Chatterton, á semelhança de seu irmão pelo infortunio — Gilbert, finou-se aos dezoito annos de idade, victima da acção violenta de uma substancia toxica.

Paz aos manes do pobre suicida ! — *ma guarda e passa !*

A' Inglaterra fique o pezar de sua immensa desventura e do muito que elle soffrera. Ao inditoso genio, baste-lhe a gloria do seu nome, redivivo na memoria do coração da posteridade.

E agora vós, a quem a litteratura comprovinciana muito deve e ainda muito tem a esperar, é mister que sigaes o exemplo do incessante trabalhar do louro cantor de Oella. Sim ! *Nulla dies sine linea*, como dizia o famoso pintor de Cós. Promettei, não a mim, mas ás letras, mas á patria, mas á gloria que vos acena, que tendes um poderoso incentivo no affan volcanico de Chatterton ; e que ante a noticia

De suas obras vos sentis tomado do mesmo extasi que possuiu Carregio, quando diante de uma tela primorosa de um seu compatriota, exclamara com emphase: *Ed io anche son pittore!*

Rio de Janeiro.

E. LIMA.

BALLADA DE CARIDADE

(CHATTERTON)

OFFERECIDA AO TALENTOSO POETA SR. DAMASCENO VIEIRA

Era o mez da virgem, quando o sol dardejava seus raios devoradores e fazia-os brilhar sobre os prados abrazados. Deixava a maçã seu pallor esverdinhado e enrubescia, e a molle pêra fazia vergar a copada rama.

O pintasilgo cantava o dia inteiro ; era então a gloria e a virilidade do anno, e a terra estava vestida do seu mais bello adorno de relva. Estava o sol radiante pela metade do dia, o ar calmo e morto, o céu todo azul. E eis que se levanta da banda do mar um montão de nuvens de anegrada côr, que avançam para cima dos bosques occultando a fronte e-plendida do sol. A negra tempestade fermenta, e n'um vôo se estende.

Debaixo de um carvalho plantado ao pé da senda que vai ter ao convento de São-Godwin, assentado jaz um triste peregrino, pobre de aspecto, pobre de vestidos, ha longo tempo cheio de miseria e precissões. Para onde poderá elle fugir e pôr-se ao abrigo do granizo ? Proximos d'ahi não ha ca-a nem convento.

Seu rosto descorado attea as inquietações de sua alma ; elle está em penuria, soinho e semi-morto. Caminha para o ultimo leito do dormitorio, para o fosso, tão frio como a terra que cobrirá sua cabeça. Encontra-se caridade e amor entre os poderosos do mundo, os cavalleiros e os barões, que vivem para o prazer e para si proprios ?

A tempestade que se armava está a pique ; grossas góttas cahem já ;

os torridos prados bebem com soffreguidão a chuva e enchem de vapores o ar. O tafão propinquo amedronta os armentos, que retirão para o valle. Cahe a chuva por torrentes de nuvens. Abre-e o céu, o amarellado relampago fuzila, e os inflammados vapores vão morrer ao longe.

Escuta ! reboa agora o estrondar do trovão : avança lentamente e parece crescer ; abala o campanario cuja agulha acolá oscilla ; depois diminue e se perde inteiramente. No entanto, o ouvido assustado o escuta ainda. Os ventos desencadeão-se ; o olmo abaixa a rama ; fulge de novo o raio e o trovão retumba ; tumidas nuvens se escancárão e cospem ao mesmo tempo um chuveiro de pedras.

Cavalgando seu palafrem, dirige-se para o convento o abbate de São-Godwin, atravez da planicie abeberada e escoante. Repassado está de chuva o seu capuz, e seu cinto tingido avariou-se. Elle esbagoa ás avessas o rosario, o que prova seu aborrecimento. A procella recrudescce ; elle busca abrigar-se ao pé do carvalho onde refugiou-se o inditoso peregrino. Sua capa é do mais bello estôfo de Lyncolne, presa sob o queixo por um botão de ouro. Seu habito branco ornado de franjas d'ouro, seus sapatos alteados como os de um fidalgo bem mostrão que elle considera a riqueza como um peccado. Os bellos jaezes agradão-lhe, assim como os adereços da cabeça do seu cavallo.

« Caridade, senhor padre ! disse o desgraçado peregrino exausto ; permitti-me entrar em vosso convento, até que o sol venha luzir sobre nossas cabeças, e que a ruidosa tempestade do ar tenha cessado. Sou velho, pobre e sem soccorro ; não tenho casa, nem amigo, nem sacóla : é toda a minha fortuna este crucifixo de prata.

— Cala-te, miseravel ! acode o abbate, não é occasião de pedir esmolas e de preces : meu porteiro jamais deixará entrar vagabundos : não acolho senão quem vive honradamente. »

Lutava n'esse momento o sol contra as sombrias nuvens, e dardejava um de seus raios mais brilhantes. O abbate estimula seu corsel e cedo desaparece.

Mais uma vez o céu se cobre de pesadas nuvens ; o trovão atrôa. Um padre vê-se atravessar a planicie ; suas vestes nada tinham de luzidas, nem tinham botão de ouro ; seu capuz e sua capa erão de côr par-da, mas asseadíssimos ; era um monje das ordens pedintes. Ladeando a estrada real, elle dirige-se para o carvalho onde abrigou-se o pobre.

« Caridade, senhor padre ! diz o peregrino extenuado, pelo amor de Santa Maria e de vossa ordem. »

Pucha então de sua bolsa o monge, e d'ella tira um *groat*¹ de pra-
1. Treme de alegria o pobre peregrino.

¹ Quatro « pences ».

* « Toma, pega este dinheiro, que poderá consolar-te, miserando peregrino ; nós todos somos os mordomos do céu, e nada possuímos que na realidade nos pertença.

Porem, ouve de mim que raro prestamos conta exacta a Nosso Senhor. Pega lá miuha capa ; ao que vejo, estás quasi nú ; toma-a. Os santos saberão dar-me outra. »

Elle deixa o peregrino e prosegue seu caminho. O' Virgem, e vós todos, santos que viveis em gloria, dai a boa vontade ao rico ou a subsistencia ao pobre.

DADOS HISTÓRICOS SOBRE A PROVÍNCIA

PROCLAMAÇÃO

Catharinenses !

A facção regressista que preside os destinos do Brazil, odiosa pelas scenas de terror em que tem feito perecer centenaes de victimas innocentes sacrificadas á vingança lusitana, não pôde continuar sem manifesta contradicção aos interesses da America em geral.

Catharinenses ! Vossos corações não forão insensíveis ás inauditas barbaridades que o seculo XIX ha observado com horror, abraçasteis a causa da razão e da justiça, vai ser edificada a grande obra da independencia e liberdade de vossa patria ; esse dia de heroísmo em que assumindo os direitos da soberania nacional deixasteis de ser uma massa bruta sem vontade, passará assignalado ás paginas da historia, elle é feitura vossa, cumpre então sustental-o para dignidade da nação, que ides formar livre e independente.

Os escolhidos de entre vós para as primeiras magistraturas do Estado saberão sustentar o brio nacional : o cidadão em plenos de seus direitos não terá de ver sua propriedade alimentando os vicios de uma facção corrompida.

Catharinenses ! Outr'ora quando o poder absoluto de um rei portuguez pesava sobre nossos destinos em geral, deixando vossas habitações, viesteis ao Rio Grande, desteis provas de valor, e nos ajudasteis a repellir o inimigo : hoje os rio-grandenses menospresando bayonetas mercenarias aguardadas por entrincheiramentos pisão em vosso solo : seus vasos de guerra demandão os portos catharinenses pela sagrada

cansa da liberdade ; elles junto a vós farão desaparecer para longe do vossas praias o detestavel inimigo que pretende nossa escravidão.

Marcho á frente da expedição libertadora, nada mais pretendo senão que meu debil braço aproveite á liberdade catharinense, e um prompto regresso a minha patria. A liberdade desaparece quando não existem as formulas que garantem a segurança e propriedade do cidadão : fazei pois com que haja o maior excesso de gloria e harmonia social, e nada deveis temer do poder imperial. — Viva o povo catharinense ! Viva o systema republicano ! Vivão os homens livres que unidos sustentão a liberdade. — Campo em marcha nas Torres 17 de Julho de 1839. — *David Canabarro*. — Está conforme. — *Luz José Bibeiro Barreto*.

PROCLAMAÇÃO

Catharinenses !

Ardentes desejos pela independencia e liberdade de vossa patria fizestes voar ao seio da nação rio-grandense : ella benigna os recebeu : e hoje felizes successos coroão o votogeral de um povo, que deixa de ser movel de um tyranno para exercer os direitos da soberania nacional ; sim, vai gosar da liberdade sem licença, esse governo formado de escolhidos da nação, que longe de consumir, a imitação dos reis, a substancia publica, vivifica pela igualdade a todas as classes do Estado.

Catharinenses ! A victoria saudou o primeiro passo das armas libertadoras no famoso dia 22 de Julho : cujo triumpho fez cahir em nosso poder 16 vellas, inclusive 3 de guerra, surtas hoje n'este porto, não havendo escapado uma outra ás chammas do fogo lançado pela tripulação inimiga : tomamos igualmente 16 bocças de fogo, porção de armamento, cartuxame e polvora ; e muitos outros artigos bellicos ; temos sufficientemente todo o necessario para armal-as com promptidão.

Este feliz successo foi precedido d'aquelle que hontem pôz em nosso poder 62 praças de 1ª linha, muito cartuxame, fardamento, etc. etc., que forão enviados pelo intitulado presidente da cidade do Desterro.

A villa de Laguna exulta de prazer gosando desde já dos beneficios, que em breve se espargirá sobre o Estado Catharinense.

O covarde inimigo foge precipitadamente de nossas armas, encetando sua marcha na madrugada de 23 do espirante mez. Não se de-

miorou o tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes em perseguir a sua retaguarda ; aquelle exaurido da força physica e moral em vão faz por persuadir que ha recebido quatrocentas praças vindas da cõrte, quando somente forão as 62 que hoje se achão em nosso poder.

Pela causa da liberdade voão de todos os cantões do nascente Estado os americanos catharinenses a partilhar a gloria da patria. Libertada ella, em signal de gratidão levará vossos nomes á posteridade : e um prompto regresso a vossas habitações indemnizará sobejamente o curto espaço de tempo que um dever tão sagrado vos privou dos commodos da vida.

Viva a nação Catharinense ! Viva o systema republicano ! Vivão os homens livres, que reunidos defendem a liberdade. — Villa da Laguna 26 de Julho de 1839. — *David Canabarro.*

Illms. Srs. — Incessantes deprecações do povo catharinense a favor da sua independencia e liberdade, forão dirigidas ao governo republicano rio-grandense ; ellas forão acolhidas e jamais deixarião de o ser entre uma nação livre, e em resultado vem a divisão libertadora sobre meu commando. Seus primeiros passos annuncião a breve terminação d'esse punhado de bayonetas do imperio, e a consolidação do systema livre n'esta parte do solo americano. A victoria que no dia 22 do corrente á face d'essa villa obtiverão nossas armas, e as mais que sahirão succedendo ; a expontanea vontade com que voão os livres americanos de todos os cantões do nascente Estado Catharinense ás fileiras libertadoras, são o garante de sua estabilidade. Que deveremos praticar em nexo victorioso quando os factos procurão aos homens e não estes áquelles ? Quaes os embaraços que fallão superar ? Nenhum só resta para declarar já e já solemnemente a nação Catharinense livre e independente, formando um Estado republicano constitucional. Esse dia de grandeza nacional pertence hoje a esta representação municipal que deverá ser a da capital interinamente visto que o municipio da cidade do Desterro, unico onde esse limitado numero de bayonetas se conservão, ainda que por curto espaço de tempo, está privado de partilhar a gloria de elevar com os demais concidadãos a patria ao nivel das nações do globo.

Taes são as considerações porque em nome da patria concito a VV. SS. a darem esse passo de heroismo e com elle preencher os ardentes desejos de um povo que jamais voltará a escravidão. Declarada a independencia do Estado, julgo de urgente necessidade que pelo vehiculo d'essa corporação seja effectuada a eleição provisoria do presidente do Estado, até a installação da futura assembléa constituinte ; podendo

para ella servir de regra as instrucções de 26 de Março de 1834 e as mais em vigor tendentes a este objecto, com tanto que, para não haver demora, que nos é prejudicial, se faça pelos actuaes eleitores reunidos em seus collegios no dia em que sôr designado por VV. SS. A nação rio-grandense praticou o mesmo em circumstancias bem calamitosas para ella, e quando a maior parte de seus municipios erão occupados pelos imperialistas. Afim de evitar prejuizos que possão occasionar a retirada dos individuos que desaffectedos a causa da liberdade seguirão a força inimiga, quando abandonou este ponto no dia 23 do corrente, e dos mais que o fizerão antecedentemente, convem que uma commissão nomeada por VV. SS. trate do arrolamento dos bens pertencentes aos mesmos, e os entregue a depositarios seguros até decisão do governo provisorio que se vai installar. Para que não soffresse miugua o credito nacional, logo que toquei n'este paiz dirigi-me aos juizes de paz dos districtos para onde seguirão as forças de meu commando, para que elles não só conjurassem seus conterraneos a defesa da patria, como ainda que fizessem respeitar amplamente os direitos dos cidadãos, e ao d'esta villa para fazer arrecadar a um deposito todos os objectos bellicos pertencentes a marinha, notando aquelles de propriedade de cidadãos que não abandonarão a causa da independencia catharinense e seus preços, para serem competentemente indemnizados. Tambem mandei arrecadar fardamentos, fazendas e viveres que pertenceu a força inimiga que existiu n'este lugar. Preciso me foi comminar a pena de ser reputado inimigo da patria e como tal punido todo aquelle que occultar, negar ou não manifestar os objectos de que se trata, uma vez que em seu poder seja encontrada alguma quantidade. Medidas estas que as circumstancias me obrigarão tomar e que espero mereção approvação de VV. SS.; pois ellas só tendem ao bem da causa que defendemos. O reconhecido patriotismo que caracteriza essa representação municipal fará despende serviços relevantes a patria, ella os espera como um dever a que está ligado cada um de seus filhos. N'esta convieção lembro a VV. SS. que o primeiro passo e mais conveniente a darem é o de concitar as fileiras libertadoras os honrados americanos catharinenses; elles o tem feito de um modo não equivoco; mas é mister que uma ordem geral da camara circule em todo o municipio e nos pontos libertados da cidade do Desterro, para que os chefes de legiões ou os commandantes dos corpos de guardas nacionaes procedão á reunião completa, enviando-me logo por intermedio de VV. SS. uma relação das faltas de armamento e munições de guerra. Desejo que por intermedio de VV. SS. a proclamação junta tenha toda a publicidade, afim de ter mais vigor. Aproveito a oportunidade de dirigir-lhes minha alta estima e consideração.

Deus guarde a VV. SS. — Villa de Laguna 25 de Julho de 1839.
— Ao cidadão presidente e vereadores da camara municipal da villa da Laguna. — *David Canabarro*. — Está conformae. — *Manoel Fernan-*

des da Silva. — Está conforme. — *José Antonio dos Santos Lara*, 2º escripturario.

Illm. Sr. — A camara municipal da villa da Laguna, fica certa, assim como o povo d'este municipio, do quanto devem ao governo republicano rio-grandense, por ter annuido ao clamor do povo catharinense, que jazia debaixo do jugo de um governo perseguidor e inhumano, que só alimentava, na perseguição systematica dos brazileiros, que firmes nos principios do governo republicano só aguardavão o feliz momento da chegada da divi-ção libertadora, com a qual contavão serem respeitadas os direitos dos cidadãos e a prosperidade de um povo como o brazileiro, que só lhe falta para tocar a meta de sua felicidade, o serem livres e independentes, que com os recursos que o Altissimo tão prodigamente distribuiu sobre o solo americano, de certo terão o lugar que lhe compete na lista das nações republicanas; assim, Sr. cidadão coronel, esta camara já vai com satisfação e presteza mandar publicar as proclamações de V. S. e mais editaes que declarão esta villa em estado livre e independente, como o proceder-se as eleições provisórias do presidente e membros para a futura installação da assembléa constituinte, seguindo-se em tudo as formulas prescriptas nas instrucções que V. S. menciona de 26 de Março de 1824.

Deus guarde a V. S. — Camara municipal da villa da Laguna, 27 de Julho de 1839. — Illm. Sr. David Canabarro, coronel commandante da divi-ção libertadora. — *Vicente Francisco d'Oliveira*, presidente. — *Floriano José de Andrade.* — *José Pereira de Carpes.* — *Manoel Luiz da Silva Leal.* — *Antonio José de Freitas.* — *Antonio Joaquim Teixeira.* — Está conforme — *Manoel Fernandes da Silva.* — Está conforme — *José Antonio dos Santos Lara*, 2º escripturario.

Illm. e Exm. Sr. — Tenho a honra de participar a V. S. que hoje erão 8 horas do dia quando na fortaleza do Sul já tremulava o pavilhão republicano: conforme o que lhe communiquei no meu officio de hoje, a força da guarnição fez a sua revolução, levantando a bandeira republicana, e matando um 2º tenente e prendendo o commandante que era um 1º tenente, me pediu protecção, que logo lhe dei de tropa e embarcações. Ficou em nosso poder um 2º tenente, um 1º sargento, um cadete, 24 soldados, 50 armas de infantaria, 50 bayonetas, 50 patronas, 50 cinturões, para mais de 3000 cartuchos de infantaria, 22 arrobas de

polvora, mais de 3,000 balas de canhão, muitas vellas mistas e espoletas, 5 peças montadas e 5 para montar ; no numero das praças 28 são de artilheria. Cumpre fazer notar a V. Ex., para que leve ao conhecimento do Exm. presidente, que quem fez todo este serviço foi o assignalado patriota soldado José Pinto Ribeiro, hoje 1º sargento n'esta força, o qual depois de ter concluido a sua revolução, entregou o mando ao sargento e veio fallar-me com o maior enthusiasmo, e me dando planos bem acertados, que aproveitarei. Tanto elle como o 1º sargento fazem-se merecedores de serem empregados como officiaes na companhia de artilheria. Mandei cravar aquellas peças porque não convem ás nossas operações guarnecer aquelle ponto, e não as lancei ao mar, porque seria uma fortuna para nós elles pretendessem aproveitall-as para guarnecer outra vez a fortaleza, o que supponho não possam fazer tão cedo, e muito nos hão de servir por serem ellas muito boas. Esta força é da que veio do Rio com o Andréas. Forão suspendidas as garantias da constituição n'este paiz, para o tyrauno da humanidade espiar mais depressa os seus crimes. Maranhão trabalha tambem pela liberdade republicana e o seu exercito está triumphando. O throno aborrecido está bombaleando ; o imperio tem mui poucos dias de existencia. Estas são as ultimas noticias. Ha outras muito interessantes mas que não lhe dou agora por não querer ser tão extenso.

Campo em Embaú 12 de Setembro de 1839. — Ao cidadão general em chefe David Canabarro. — *Joaquim Teixeira Nunes*. — Está conforme — *Luiz Rossetti*, secretario interino do governo — Está conforme — *Manoel Antonio da Porciuncula*, tenente-coronel ajudante d'ordens.

A AMERICA

Vai, Colombo, abre a cortina
Da minha eterna officina...
Tira a America de lá. »

(CASTRO ALVES)

Que painel tão magestoso,
Que soberbos atavios !
São ali, curvas — os rios ; —
São — cordilheiras — os traços !
Contornos, sombra, horisontes...
Tudo traz o sello escripto,
D'essa mão que do infinito,
Rola o mundo nos espaços !

N'este plano — o mar immenso, —
Beijando as praias tão grandes !...
Mais alem, nobres, os Andes
Encurvando o vasto collo !
Ali, o allivo Amasonas
Contempla o gigante Ontario
N'esse tão vasto scenario,
Que vai de um polo a outro polo !

Ao norte, cortando os montes,
Corre a longiqua savana...
E' onde, na queda insana
Rola espumante o Niagára !...
Ao sul, estendem-se os Pampas...
O Prata sacóde a crina
E o *Gigante* se reclina
Nos seios da Guanabara.

Longe, ao longe o Chimborazo
Cospe fogo nos espaços !...
E a montanha estende os braços
Por esses campos abertos !
De sobre os picos erguidos
Do serro fulvo, empinado,
O rio pula espantado
Como o jaguar nos desertos !

Ali se atira a floresta
Sobre as aguas da cascata !
E o pau d'arco rompe a matta
Como um titan colossal !
E' lá dentro, sob as grimpas
D'esse sultão da floresta,
Que o indio repousa á sesta
Na sombra do coqueiral.

D'aquelle lado as campinas
Onde galopa o pampeiro !
Alem o campo guerreiro
Das hordas de *abenahis*...
Ao fundo o mar sôbranceiro !
Mais áquem a serra
Que contempla a louçania
Das tribus dos *guaranys*.

Após criar continentes
Imensos... immensas ilhas...
Não farto de maravilhas
Deus, um dia, abriu a mão...
E a America — o requinte —
De seu *fiat* soberano,
Rasgara o seio do oceano,
Surgindo como um vulcão !

Foi o mar — vasta *cortina* —
Entre a terra e a immensidade,
Que da velha humanidade
Tão zeloso a recatou...
Mas Colombo, esse inspirado,
Ouve a voz de Deus, nos ares
E rasgando o seio aos mares
Vasto berço nos legou !

E é neste asylo das crenças...
— No berço da intelligencia ; —
— N'este templo, que á sciencia
De par em par dera ingresso... —
E' n'este palco sublime
Onde a vida o sol derrama...
Que representa-se o drama
Do caminhar, do progresso !

E' aqui, é n'esta terra
Sob um céu sempre risonho,
Que se cumpre o bello sonho
Do craneo da humanidade !
E' nos rios... é nos pampas...
E' nos serlões... nas savanas...
Que o vapor entôa hosannas
A' deusa da liberdade !

A. GUANABARA.

POESIA E FATALIDADE

AO POETA E AMIGO — DR. AUGUSTO GUANABARA.

Não sei que maldição do inferno pesa
Sobre a cabeça do poeta !

(L. E. FERREIRA FRANÇA)

Não sei, não sei que barbaro destino
Pesa sobre os poetas brasileiros !...
Quero suppôr que genios trahiçoeiros
Arrastão esses filhos do Senhor...

Ora o pallido spectro da miseria
Persegue-os desde o berço á sepultura,
Ora a morte precoce... ora a loucura
A atordoar o craneo sonhador !...

E elles — os modestos operarios
Do templo gigantesco do futuro —
São astros, que scintillão no escuro,
Acclarando os sombrios matagaes...
São pingos d'agua — a originar diluvios...
Cômoros — que se elevão cordilheiras !...
Faiscas — que alevantão-se fogueiras !...
— Paladinos dos grandes ideaes. —

E quando essa cohorte d'*estrangeiros*
Solta a voz maviosa aos sons da lyra,
Ao seio o coração nos diz : — « Suspira...
« Que o Anjo do prazer nos abre as mãos !... »
E não ha d'entre as virgens que os escutão
— Uma só — que lhes dê um riso amante...
E entre os homens tambem quem se levante
Bradando — que elles são nossos irmãos !...

E as nescias multidões passam sorrindo,
Emquanto dos — luares ao relento —
Batalhão — os heróes do pensamento —
— A pro genie fatal dos Prometheus !
Elles, que, mesmo em face dos supplicios,
Escarnecem da dôr que ancias promove,
Trovejando o eterno « E pur se muove ! »
Inquebrantaveis, fortes — Galileus !...

Ah ! elles — são sybillas encantadas —
Pois nas rugas da fronte dos humanos
Decifrão os mais intimos arcanos...
Videntes — que se arrojão ao porvir !...
E n'essas faces pallidas e magras,
Onde a sede tresnoita e dorme a fome,
O phantasma da febre que consome
Um asylo encontrou — não quiz sahir !...

Elles — são archanjos iuspirados,
Que traduzem aos sons do alaúde
Os divinos preceitos — da virtude
E os celestes poemas — ideaes !
— Essa turba de pallidos proscriptos —
Os prodigos de luz — sempre nas sombras...
Que morrem das estradas nas alfombras,
Ou nos catres, meu Deus, dos hospitaes !..

Julgo ás vezes que Deus — esse mysterio
Que na luz e nas trevas se revela, —
Elle que acalma as furias da procella,
E equilibra no espaço tantos sóes ;
Talha os genios — dos martyres ao molde...
Pois a fronte onde ferve a intelligencia,
Tomba exanime ao peso da indigeucia,
Como o sol do poente nos lençóes !..

Cruel fatalidade !... Oh ! porque amerges
A fronte dos poetas brazileiros ?
Eu sei... eu sei : — ha genios trahiçoeiros
Que arrastão esses filhos do Senhor !,..
Sempre o pallido spectro da miseria
Perseguinto-os do berço á sepultura...
Ou a morte precoce... ou a loucura
Atordoando o craneo sonhador !..

MUCIO TEIXEIRA.

Triumpho — Maio — 76.

—
* *

Por essas horas que fallão,
Quando o coração é mudo,
Quando as palavras se calão
Porque o silencio diz tudo,
Procurei nos olhos d'ella
Ver a luz d'aquella estrella
Onde os olhos d'ella eu via.

(C. BRANCO.)

Quando teu labio tremulo, convulso
Murmura phrases de um sentido vago ;
E minh'alma, caçada borboleta,
Busca-te o seio á mingua de um afago :

Sinto então pela mente incendiada,
Um turbilhão de lucidas chimeras ;
E no grato rever das phantasias,
Vejo-te, — ó luz, das minhas primaveras !

Depois nas dobras de um luar mais brando,
Se escuto ao longe as languidas volatas....
— Suspiros de um Romen que desfalece,
A guitarra febril das serenatas ;

Vejo-te ainda, — ó filha das insomnias,
Nos labios soletrando uma harmonia...
— O canto das Ophelias vaporosas,
Que me deslumbra a douda phantasia !

E tu, branca phalena dos affectos,
Porque dos labios teus já não desatas
A ballada febril das noutes brandas,
O amoroso cantar das Traviatas ?

Entre as cambraias do maeio leito
Dormes talvez, — oh pallida criança !
E minh'alma, cansada borboleta,
Vai de mansinho te beijar a trança !

Tambem dos lyrios no amoroso seio
Dormem sonhando as lucidas abelhas,
E a flor do coração dentro em meu peito
Abre ao luar as petalas vermelhas.

Porto Alegre — 1876.

TANCREDO ·



AGENTES DA REVISTA

Rio Grande — Carlos Eugenio Fontana.
Rio Pardo — José Joaquim de Andrade Neves.
Passo Fundo — Antonio Pereira Prestes Guimarães.
Alegrete — João Pedro Caminha.
Caçapava — Pedro Rodrigues Soares.
S. Sepé — Isidro Corrêa Pinto.
S. João Baptista de Camaquã — Patricio Vieira Rodrigues.
Cruz Alta — João Baptista da Silva Lima.
Uruguayana — Francisco de Sá Brito.
Torres — Major José Theodoro Nunes de Oliveira.
Corumbá — Pedro Antonio da Silva Horta Filho.
Cuyabá — Frederico Simplicio Gualberto de Mattos.

Esta REVISTA sahirá uma vez por mez, contendo 48 paginas e uma gravura

ASSIGNATURA

PARA A CAPITAL	FÓRA DA CAPITAL
Trimestre adiantado.....3\$000	Semestre adiantado..... 6\$000

BROMELIAS

Poesias por Iriema. A' venda na «Imprensa Litteraria».

VIOLETAS

Poesias de Mucio Teixeira. Achão-se á venda na «Imprensa Litteraria» a 2\$000 ao volume.